

DÊNIS DE LIMA

Orientador: Ângelo Sottovia Aranha

PASQUINIZANDO O PASQUIM

Relatório do Trabalho de
Conclusão de curso apresentado à
UNESP – FAAC.

Bauru, novembro de 2010

Índice

Apresentação	3
Fundamentação Teórica	4
Desenvolvimento	6
Projeto Editorial	8
Considerações Finais	9
Referências	10

Apresentação

Nos tempos da Ditadura Militar (1964-1985), o governo exercia (ou tentava exercer) um controle ferrenho sobre a Imprensa. Fiscalizava todas as notícias, sempre de olho em alguma que o desagradasse. Ameaçava jornais, prendia pessoas, colocava censores nas redações, enfim, tudo para que a Imprensa não publicasse algo “perigoso”. O livro “Cale a Boca, Jornalista”, de Fernando Jorge, cita alguns desses episódios.

Cipriano José Barata de Almeida, (...), esteve preso diversas vezes, sob a acusação de injuriar o governo e de promover agitações. Como fazia isto? Segundo a opinião do governo, somente com os seus textos de jornalista... Ele, “o Baratinha, salienta Marco Morel, “tocava na ferida da estrutura social”, ao afirmar no seu periódico: “Há sujeitos que estão de posse de 20, 30 e 40 léguas de terra, muito injustamente possuídas, quando os demais cidadãos, (...) não possuem uma pequena porção em que levantem sua cabana, ou cavem sepultura (JORGE, 1990, págs. 23 e 24).

O livro não dá mais explicações sobre o pensamento do “Baratinha”, não diz como ele chegou à conclusão de que as terras eram injustamente possuídas (isso, por si só, era uma acusação bastante séria). No entanto, se a proporção levantada pelo jornalista for aceita como verdadeira, ela mostra que o problema da distribuição de terras no Brasil é bem antigo, questionando as relações de poder instituídas no Brasil.

A primeira edição do “Novo Dicionário Aurélio” define “Democracia” como o regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder.

Outro fulano, chamado Osvaldo, narra Antônio Carlos Fon, embebedou-se numa boate e foi encarcerado. Acordou no xadrez, sem descobrir o motivo de sua prisão: “O agente que o detivera, provavelmente também bêbado, não conseguia lembrar-se por que o havia prendido. E durante um mês, Osvaldo foi torturado para contar o motivo pelo qual havia ido parar na Operação Bandeirantes (JORGE, 1990, p. 105).

No dia 11 de abril, (...), o general Humberto de Alencar Castello Branco foi eleito presidente da República pelo Congresso Nacional, como mandava a Constituição. Prometeu “entregar, ao iniciar-se o ano de 1966, ao meu sucessor legitimamente eleito pelo povo em eleições livres, uma nação coesa”. Em 1967 entregou uma não dividida a um sucessor eleito por 295 pessoas (GASPARI, 2002, p. 125).

E que respeito o governo tinha por tais princípios se as eleições não eram livres, e prisões eram feitas sem motivo? Isso para não falar dos mandatos que poderiam ser cassados de acordo com a vontade do governo (isso depois do Ato Institucional nº 5, de 1968) – o que deixava o Legislativo completamente à mercê do Executivo.

A censura não permitia que certos atos da ditadura fossem divulgados, pois o governo precisava manter uma boa imagem em relação à população, uma imagem de democracia (uma prova disso é que o governo preferia “amarrar” as mãos do Legislativo ao

invés de simplesmente fechar o Congresso). A imprensa, por outro lado, precisava da liberdade para fazer seu trabalho, e para ter liberdade, precisava da democracia.

As diferenças entre a “Grande Imprensa” e a “Imprensa Alternativa” começam a se destacar a partir do posicionamento de cada meio: de modo geral, enquanto a primeira resolveu não chocar-se diretamente com o governo, a segunda optou por divulgar a informação, mesmo contra a vontade da censura.

Muitos estudiosos apontam a “Imprensa Alternativa” como uma das responsáveis pela queda da ditadura. Após este evento, muitos jornais diziam que a vigilância deveria ser permanente, para aqueles tempos não voltarem. Os acontecimentos de 2009 e 2010 parecem ser uma prova de que a vigilância afrouxou.

Os anos de 2009 e 2010 ficaram marcados por ataques contra a Imprensa e manifestações culturais. A censura ao jornal “O Estado de São Paulo”, liminares proibindo jornais de publicar certas matérias, a tentativa de impedir humoristas de falarem de políticos durante o horário eleitoral, enfim, um cerceamento à liberdade de expressão bem ao estilo da ditadura.

Para tentar recordar aqueles tempos e, portanto, impedir que eles voltem, este livro foi escrito para analisar o jornal “Pasquim”, conhecido por sua luta contra a ditadura, e para mostrar as inúmeras semelhanças entre o período ditatorial e o atual. O país não vive numa ditadura, mas as iniciativas mencionadas no primeiro parágrafo podem fazer o Brasil voltar para ela.

As semelhanças não se referem apenas às tentativas de cerceamento, mas também, à relação entre Governo e Imprensa, a cultura, a sociedade, enfim, o livro aborda diferentes situações relatadas pelo Pasquim, situações bastante parecidas com as que acontecem hoje.

O “Pasquim” foi escolhido por um motivo especial: foi o de maior tiragem entre os jornais da chamada “Imprensa Alternativa” e tinha o humor, característica não partilhada por nenhum outro jornal.

Fundamentação Teórica

De acordo com Kucinski (1991), os valores essenciais do conceito de *Alternativa* são: algo que não está ligado às políticas dominantes; uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; uma única saída para uma situação difícil; e o desejo das gerações dos anos 70 e 80 de protagonizar as transformações sociais que pregavam.

As diferenças entre a “Grande Imprensa” e a “Imprensa Alternativa” começam a se destacar a partir do posicionamento de cada meio: de modo geral, enquanto a primeira resolveu não chocar-se diretamente com o governo, a segunda optou por divulgar a informação, mesmo contra a vontade da censura.

A Imprensa Alternativa deu espaço àqueles que se mostravam contra o governo. Em muitos jornais desse tipo, os colaboradores não eram apenas jornalistas, mas também acadêmicos, intelectuais, ativistas políticos, e até mesmo os próprios leitores colaboravam com textos. E para que as matérias chamassem a atenção do público de alguma forma, era necessário fazer algo diferente do convencional, tanto na linha editorial, quanto na forma, para realmente ser a “Alternativa” em relação aos meios tradicionais.

Estudar a Imprensa Alternativa é importante, pois, ela ajudou no processo de mudança de se fazer jornalismo, questionando o modelo tradicional e incentivando a formação de uma imprensa mais crítica e independente. Era preciso se aproximar do leitor, e um jeito para fazer isso era colocar a linguagem informal, colocar a mensagem de maneira que todos pudessem entender. Uma vez que as camadas populares tiveram uma noção maior de como o regime funcionava, passaram a questioná-lo (o primeiro passo para acabar com a ditadura).

O Pasquim não é um tema novo, já foram feitas inúmeras pesquisas sobre ele, vários livros sobre jornalismo o mencionam, muitos até poderiam dizer que o tema estava esgotado. Não está por duas razões: a primeira, mencionada anteriormente, a situação atual guarda muitas semelhanças com a do tempo do Pasquim. A outra: o tema pode não ser infinito, mas o jeito de se abordar é.

Até agora, o Pasquim foi analisado do ponto de vista jornalístico e acadêmico, muito do que era dito, da forma que era dito, se direcionava apenas a quem está nas redações ou nas universidades, não houve interesse em mostrar o Pasquim aos “não-acadêmicos” e aos “não-jornalistas” da geração atual. Ou melhor, houve: os três volumes de “O Pasquim – Antologia” são compilações das melhores edições do jornal; entretanto, provavelmente elas são mais interessantes para os antigos leitores do que para alguém que nunca leu. “Pasquinizando o Pasquim” é um livro direcionado para todas as idades e públicos, especialmente para quem nunca ouviu falar do jornal.

Os livros-reportagens têm várias categorias. O meu pode ser considerado um Ensaio, procurei me colocar no texto, tal como faziam aqueles que trabalhavam no Pasquim. Aliás, o título vem daí: “Pasquinizando” é um neologismo, a fusão das palavras “Pasquim” e

“Analisando”. “Pasquinizando o Pasquim” significa analisar o Pasquim de acordo com o estilo do próprio jornal (tentar pelo menos).

O livro se foca em analisar as edições do Pasquim (não chega a ser objetivo no sentido estrito da palavra, mas não quer dizer que não tenha argumentos), mostrar as mudanças pela qual passou ao longo do tempo e as incômodas semelhanças entre o período da publicação e o atual.

Desenvolvimento do Projeto

Para se fazer o livro foi necessário levantar o maior número possível de informações sobre o Pasquim e o contexto no qual estava inserido. Então, antes de analisar o jornal em si, foram lidas obras que abordavam a situação do Brasil na época e a relação entre governo, sociedade e imprensa.

Os livros de Fernando Jorge (Cala a boca jornalista) e de Bernardo Kucinki (Jornalistas e Revolucionários) foram encontrados em bibliotecas, não levaram muito tempo para serem achados. Já o livro de Gaspari (A Ditadura Envergonhada), foi mais difícil de ser encontrado, foi preciso procurar em vários sebos.

Após leitura e separação dos pontos principais destes três livros, a pesquisa se dedicou ao estudo do Pasquim em si, ou seja, as edições do jornal. Seis do ano de 1969 (ano de nascimento do jornal), seis do ano de 1975 (fim da censura prévia) e seis do ano de 1984-1985 (fim da ditadura militar e, na prática, o do jornal, embora sua última edição seja de 1991), para acompanhar as mudanças da publicação. Fora estas 18, mais uma edição foi analisada. A entrevista com a atriz Leila Diniz causou grande impacto na época (detalhes no livro).

O Arquivo Público do Estado de São Paulo tem várias edições do Pasquim. Qualquer pessoa era livre para consulta e análise, mas ninguém poderia levar algum exemplar para casa. E colocar em CD era muito caro, então foi necessário tirar fotos das edições (usando uma câmera digital), para que o conteúdo do jornal pudesse ser analisado sem precisar ir e voltar várias vezes ao Arquivo Público. Em alguns momentos isso atrapalhou um pouco a análise, já que algumas páginas dos jornais não ficavam nítidas ao serem mostradas no computador – nada comprometedor, apenas incômodo.

Feito isso, cada edição foi analisada, destacando os temas aos quais mais se dedicava e a seleção de textos e imagens mais significativas para o livro – algumas análises exigiram a consulta de sites e livros, para apreender o contexto da situação relatada. Por ser um jornal

de época, nem sempre era possível saber a que exatamente ele estava se referindo. Outro complicador foi o fato da publicação dizer muitas coisas implicitamente (era preciso, devido à censura).

Um ponto no qual não houve sucesso foi a busca pelos antigos colaboradores do Pasquim. Apenas um deles foi encontrado para dar entrevista, os outros ou não foram encontrados, ou não responderam ao contato.

Mesmo assim, houve êxito na apuração da história do jornal, graças aos livros de Kucinski e Jorge e um documentário disponível no YouTube, “Pasquim – A subversão do humor”. Grande parte da linha do tempo construída no livro foi baseada nele.

Como dito antes, um dos pontos do livro é mostrar as semelhanças das situações mostradas pelo Pasquim com as da nossa época. Abaixo, um trecho do livro para exemplificar a comparação (texto da página 9 se refere a um texto do Pasquim):

Ainda sobre o texto da página 9, “Em maio de 1964 (data perigosa)...” – naquela época, saíam os primeiros números da revista “Pif-Paf”, criada por Millôr. Desagradou o chefe de Polícia e teve curta duração. E vale lembrar: maio de 1964, um mês depois do golpe que derrubou o presidente João Goulart.

Outra frase do texto: “Nós, os humoristas, temos bastante importância pra ser presos e nenhuma pra ser soltos” – até hoje os humoristas sofrem pressão da polícia: em junho de 2010, Danilo Gentilli, do CQC, foi agredido por policiais enquanto fazia uma matéria para o quadro “Proteste Já”.

O procedimento acima era simples, mas não era fácil; não bastava dizer, por exemplo, que situações ocorridas em 1970 continuavam se repetindo, era preciso procurar exemplos que ilustrassem e provassem isso, para fazer o leitor entender o raciocínio, e talvez, acreditar nele. Como dito antes, o livro não é objetivo no sentido estrito da palavra, mas tinha argumentos, foi explicado como se chegou a cada ponto de vista, restando ao leitor acreditar, ou não.

O livro também se concentrou em relatar algumas das artimanhas do jornal para driblar a censura. Por exemplo, a implicitação; a posição dos fatos (colocar o mais importante em lugares da página que não fossem chamativos); o humor (as piadas, fossem elas escritas ou visuais, às vezes serviam para encobrir críticas ao regime ou à sociedade); ironia; entre outras.

A linguagem do livro procurou ser o mais leve e despojada possível, mas sem cair na informalidade. O Pasquim sempre tentava se aproximar do leitor, criar uma “amizade”. O

livro tenta fazer a mesma coisa, para quebrar a abordagem fria e impessoal que o jornalismo normalmente tem.

Projeto Editorial

Antes do primeiro capítulo, o livro tem os tópicos “Apresentação”, que resume brevemente o contexto da época; “Conceitos”, que define o jornalismo do Pasquim e as palavras “Imprensa Alternativa”; e “Prólogo – os motivos do livro”, contando como nasceu a idéia do livro. É, por assim dizer, o “capítulo zero”.

O primeiro capítulo também fala do contexto mais detalhadamente, e acaba repetindo alguns fatos da Apresentação.

O segundo capítulo mostra certas artimanhas do Pasquim para enganar os censores, relatando as histórias de dois censores em particular, Dona Marina e General Juarez Paz Pinto.

O terceiro capítulo se dedica à primeira fase do Pasquim, separa os principais trechos e imagens das edições de 1969 e conta a primeira parta da história do jornal.

O quarto capítulo relata um período de mudança do jornal, mostra os problemas internos que o Pasquim enfrentava – rixas entre os membros –, e também menciona as pressões sofridas pelo jornal, tanto da censura, quanto de grupos direitistas. O capítulo também menciona os episódios da bomba na Redação e a prisão dos principais membros do jornal.

O quinto capítulo analisa uma das mais polêmicas entrevistas do Pasquim, a entrevista com a atriz Leila Diniz. Por causa dos valores liberais dela, bem à frente da época, muitas pessoas ficaram chocadas. Outro motivo da entrevista ser tão repercutida foi a presença de asteriscos. Cada um deles ocupava o lugar de um palavrão da entrevistada, surpreendendo duplamente os leitores, por causa da quantidade, e o jeito encontrado pelo Pasquim para representá-los.

O sexto capítulo focaliza a segunda fase do jornal, mostrando como ele se tornou mais político e os ataques contra a ditadura, mais diretos.

O sétimo capítulo mostra como foi o dia da entrevista com Mouzar Benedito, não se focando na entrevista em si, mas nos acontecimentos daquele dia.

O último capítulo mostra a última fase do jornal. Agravamento da politização, ataques ainda mais diretos e obsessão pelo tema “Diretas Já”.

Resumindo, o livro se dedicados à história do jornal, à análise do conteúdo e ao paralelo com a situação atual.

Até o momento deste relatório, o livro não conta com um projeto gráfico; por causa do protocolo do TCC não houve tempo para deixar o livro em forma de brochura. O livro, em sua versão final, será apresentado mais tarde

Considerações Finais

O que faltou mesmo para o livro foi entrevistas de mais colaboradores do Pasquim. Entretanto, eles não são exatamente pessoas fáceis de se encontrarem. Como dito antes, não houve êxito em contatar alguns deles; outros, simplesmente não responderam. No caso de Zivaldo, por exemplo, um email foi mandado para ele, a Assessoria dele disse que era só mandar as perguntas e ele responderia, mas não houve resposta.

Foi uma experiência gratificante e dura escrever o livro. A abordagem inovadora é um ponto a favor do livro, provavelmente ninguém olhou para o Pasquim da forma que “Pasquinizando o Pasquim” olha. E dá ao leitor a consciência de que o Pasquim continua incomodamente atual, quase atemporal. Não por mérito do jornal, mas porque a sociedade pouco evoluiu.

A versão encadernada é o original do livro, ainda não tem cara de livro e tem erros como a repetição de frases no tópico “Apresentação” e no primeiro capítulo. Até o momento deste relatório, a revisão final não foi feita, mas estes problemas serão corrigidos na versão brochura.

Referências

Câmara dos Deputados. Disponível em:

<http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/125277.html>

Acesso em: 29 out. 2010.

Folha de São Paulo. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u396476.shtml> .

Acesso em: 10 out. 2010.

Folha de São Paulo. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/poder/817720-ceara-aprova-criacao-de-conselho-para-controlar-a-midia.shtml>

Acesso em: 10 out. 2010.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Envergonhada.** Cia. das Letras, 2002.

JORGE, Fernando. **Cale a boca, jornalista!:** o ódio e a fúria dos mandões contra a imprensa brasileira. São Paulo: Vozes, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: Scritta Editorial, 1991

Net Saber. Disponível em:

http://www.netsaber.com.br/resumos/ver_resumo_c_2201.html

Acesso em: 23 out. 2010.

O Pasquim, Edição 1. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 7. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 13. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 18. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 22. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 23. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 27. Rio de Janeiro, 1969.

O Pasquim, Edição 317. Rio de Janeiro, 1975.

O Pasquim, Edição 320. Rio de Janeiro, 1975.

O Pasquim, Edição 322. Rio de Janeiro, 1975.

O Pasquim, Edição 331. Rio de Janeiro, 1975.

O Pasquim, Edição 336. Rio de Janeiro, 1975.

O Pasquim, Edição 338. Rio de Janeiro, 1975.

O Pasquim, Edição 770. Rio de Janeiro, 1984.

O Pasquim, Edição 777. Rio de Janeiro, 1984.

O Pasquim, Edição 795. Rio de Janeiro, 1984.

O Pasquim, Edição 819. Rio de Janeiro, 1985.

O Pasquim, Edição 838. Rio de Janeiro, 1985.

O Pasquim, Edição 851. Rio de Janeiro, 1985.

Terra. Disponível em:

<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI669907-EI306,00.html>

Acesso em: 23 out. 2010.

Vi o mundo. Disponível em:

<http://www.viomundo.com.br/denuncias/o-fim-do-jb-nas-bancas-relembrando-a-batalha-de-1982.html>

Acesso em: 29 out. 2010.